

DA COMUNICAÇÃO À LINGUAGEM

(Texto traduzido, com permissão, da Revista FIAPAS - Federacion Española de Asociaciones de Padres y Amigos de los Sordos - nº 26 Maio/Junho. 1992).

No nosso artigo anterior, falamos da "comunicação com nossos filhos surdos". Colocou-se especial ênfase na importância das interações-comunicativas entre mãe-pai-filho, entre os adultos e a criança, para favorecer seu desenvolvimento cognitivo, afetivo e, por imposição, lingüístico. Assim, de fato, parecia concluir-se da análise dos estilos comunicativos contrapostos, de um lado, representado por aqueles que dialogam, explicam e compartilham experiências passadas, presentes e futuras com seus filhos, e por outro, por aqueles que usam a linguagem única e exclusivamente, para controlar e regular condutas do momento.

Ressaltada a importância da comunicação, hoje vamos falar da linguagem. Talvez alguns perguntem: mas não é a mesma coisa? É claro que comunicação e linguagem guardam estreita relação. O veículo das interações adulto-criança é, naturalmente, a linguagem; mas a comunicação começa muito antes, quando a criança não é ainda capaz de emitir uma só palavra. Mas, há matizes entre ambos os conceitos que convém esclarecer e, principalmente, enfatizar aquilo que a linguagem acrescenta à comunicação.

Vejam: a comunicação é um requisito para que a linguagem apareça. É um processo cujo produto final é a linguagem; instrumento que permite exercer a comunicação com maior precisão e eficácia. "Comunicação" é um conceito mais amplo do que o conceito de linguagem, pois aquela pode surgir de múltiplas formas: umas, lingüísticas e outras, não lingüísticas. Os seguintes exemplos nos permitem compreender melhor o que aqui queremos dizer: o bebê que chora porque tem fome, sede ou se sente incomodado, está mandando um SOS aos adultos que o rodeiam. Mas não está utilizando uma linguagem em sentido estrito. E para a mãe fica a dúvida se o seu filho quer beber ou se lhe dói a barriga. A criança pequena que sente sede e aponta para uma torneira, pedindo, desse modo, água, está também se comunicando, mas para satisfazer a sua necessidade ainda não está utilizando um sistema lingüístico. A sua estratégia de apontar apenas as coisas de que necessita só é válida quando as mesmas estão presentes no contexto. A comunicação da criança do nosso exemplo é ainda limitada. Ela só poderá satisfazer a sua sede se, ao redor, houver indícios de água. Mas, quando, por fim, a criança é capaz de dizer "água", "me dá água", e o diz na ausência dela, pode-se afirmar que ela está utilizando a linguagem, isto é, um conjunto de signos arbitrários organizados segundo certas regras, e com os quais pode representar a realidade, cujo uso lhe permite comunicar-se com maior precisão e eficácia. O progresso dessa criança é muito grande. Continuando com o nosso exemplo, a criança poderá explicitar claramente o que deseja e poderá fazê-lo, mesmo que não haja água ao seu redor. Vê-se, agora, com mais clareza o que a linguagem acrescenta à comunicação e a importância para que esta se cristalize na linguagem.

"Da comunicação à linguagem" é o nosso título de hoje. E que a criança surda dê este passo e possa exercer a comunicação com um sistema lingüístico é o objetivo chave de sua educação. Com tal título, queremos indicar que a comunicação (que deve ser cuidadosamente trabalhada) é um requisito para que a linguagem apareça. Mas, assim mesmo, significa que devemos desejar que o deficiente auditivo possa exercer essa comunicação, não de qualquer forma, mas mediante um sistema lingüístico.

A INTENÇÃO COMUNICATIVA

A comparação da problemática da criança autista com a criança surda nos permitirá esclarecer essas idéias. Na criança autista, a linguagem dificilmente cristaliza, exatamente porque falha o requisito: a intenção comunicativa. Embora ela ouça a língua, ela não a incorpora significativamente, por não apresentar desejo de comunicação. A criança surda, ao contrário, tem e mantém, enquanto a sua experiência não o extinga, um desejo vivo de comunicar-se, que, se não se cristaliza na língua ao seu redor, é porque não pode ouvi-la. O seu drama consiste em não poder ter acesso de forma fácil e cômoda, como o faz uma criança ouvinte, a um código para poder exercer a comunicação que tanto deseja.

"Da comunicação à linguagem" quer dizer que com a criança surda pequena tem-se que tentar constantemente a comunicação. Isto é fundamental. Mas, também, significa que é preciso facilitar-lhe o passo para a linguagem, colocando-a em contato com um sistema lingüístico que, de forma natural e espontânea, ela possa incorporar. Mas "que linguagem?" "Como?" A reflexão sobre como uma criança ouvinte adquire a linguagem talvez nos permita dar resposta a essas questões.

Não há dúvidas de que a criança ouvinte incorpora a linguagem falada da comunidade em que vive, basicamente ouvindo-a, embora seja necessário reconhecer que o seu uso expressivo, isto é, o falar, também influi em estabilizar e consolidar essa aquisição.

A criança ouvinte, desde o seu nascimento, vive e cresce envolvida pela linguagem falada. É uma garantia sua receber suficiente linguagem. E mais ainda, uma vez que a audição é um sentido que está permanentemente em ação, recolhendo a informação proveniente de todas as direções, ela recebe muita

linguagem de forma fácil e cômoda. Como é diferente a situação da criança surda que tem seus olhos para "ouvir". A visão atua apenas para a frente. E além disso, deve dirigir-se intencionalmente para a fonte de informação. Ouve-se até sem querer, mas para ver é necessário olhar - é voluntário. Este modo de proceder significa que o surdo tem menos oportunidades de receber linguagem do que os ouvintes. E o que recebe é à custa de um certo esforço. É importante tomar consciência desta circunstância, porque os pais e todos nós que rodeamos os pequenos surdos devemos garantir-lhes o recebimento de suficiente linguagem da forma mais fácil e cômoda possível.

Além disso, a criança ouvinte tem oportunidade de receber no seu cérebro uma linguagem correta. Não importa que a criança pequena esteja numa fase de desenvolvimento na qual ainda fala com palavras soltas ("papá", "cama") ou com frases telegráficas ("mamãe livro"), mas nós, adultos, nos dirigimos a ela com frases simples, coloquiais, mas corretas, e estas são as que ficam registradas em sua cabeça. Isto é importante para que a criança possa, no futuro, usar frases bem construídas. Com relação a isso, a criança surda também encontra-se em desvantagem. Quando à sua volta a língua é oral e lhe falamos, alguns fonemas são "invisíveis" e ela não pode captar por leitura labial; outros são facilmente confundíveis. Tudo isso, implica, por um lado, certa instabilidade dos signos lingüísticos e, por outro, receber segmentos da linguagem falada, e não frases corretas. Quando vive num ambiente de ouvintes, tampouco o considera mais fácil com respeito à linguagem dos signos, dada a incompetência de tal linguagem; uma vez que esta não é usada de forma sistemática e consistente. Esta reflexão nos permite atentar para a importância da criança surda ter contato com modelos lingüísticos de qualidade. Pois, não esqueçamos que o que sai tem muito a ver com o que entra. A produção lingüística da criança estará condicionada à qualidade da linguagem recebida.

Outro ponto a considerar é a capacidade que tem a criança ouvinte de processar através da visão e audição, recebendo assim uma linguagem associada e simultânea a suas experiências, linguagem esta que serve para dar nome ao mundo e para suprir suas necessidades, assim como para compartilhar suas vivências. A criança surda, ao contrário, não pode processar paralelamente linguagem e realidade, se olha para a boca de sua mãe, não poderá focalizar visualmente o modo, com que esta lhe fala. E se presta atenção ao modo, perderá as palavras da mãe, que dá nome aos objetos que manipula, às ações que executa e aos sentimentos que os olhos dela transmitem. É de suma importância estarmos conscientes deste problema. Pois é totalmente necessário proporcionar à criança surda uma linguagem ligada às suas experiências, vivências e necessidades, para que ela possa incorporá-la.

Por último, convém chamar atenção para a dificuldade que a criança tem para articular a fala com facilidade, fluidez e naturalidade. Sabe-se que o uso expressivo de uma língua contribui também para sua aquisição; fica pois evidente a necessidade de pôr a criança surda em contato com uma linguagem que ela possa executar com desenvoltura - uma linguagem cujo controle seja mais motor-visual do que motor-acústico.

Toda reflexão sobre a aquisição da linguagem leva-nos à conclusão de que a criança surda para percorrer com aceitável presteza o caminho que vai desde a comunicação até a linguagem, é necessário que ela cresça "banhada" de uma linguagem de qualidade e ligadas às suas experiências - uma linguagem, portanto, que sirva para suprir suas necessidades comunicativas, que possa processar de forma fácil e cômoda, de fácil uso expressivo, mediante o qual vai consolidando sua aquisição.

Não temos nenhuma dúvida de que a linguagem processual de forma mais fácil e cômoda pela criança surda e de mais fácil uso expressivo por ela, será uma linguagem de sinais globais gestuais e manuais que entra pelos olhos. O problema tem raiz no fato de que 95% das crianças surdas são filhos de pais ouvintes e este "banho" lingüístico que reclamamos para elas só é possível se o meio envolvido utiliza a linguagem com fluidez e naturalidade em sua presença. Uma linguagem "bimodal" entendida como sendo um sistema de sinais globais formados da linguagem dos sinais dos surdos, e executados respeitando mais ou menos a ordem da linguagem falada, poderia ser uma alternativa. Deve-se levar em conta que aqui o conceito de "bimodal" difere do tradicional. Aqui, não tem a pretensão de apoiar a aquisição das estruturas da linguagem falada. Seu objetivo é colocar o surdo em contato com um código que pretende ser apropriado para resolver seu problema comunicativo-lingüístico em idades iniciais.

Mas a artificialidade da opção bimodal ou o fato real de que as pessoas ouvintes ao seu redor não chegam a usar a linguagem bimodal com suficiente naturalidade e freqüência, faz dúvidas da validade dessa alternativa. Atualmente, defende-se com veemência a linguagem dos sinais tal como os surdos a utilizam quando falam uns com os outros. Se é certa a opção válida, muito tem-se que reformular a educação dos surdos. Uma vez que a maioria dos surdos são filhos de pais ouvintes, ter-se-ia de recorrer à ajuda de surdos adultos. Urgiria criar centros infantis para surdos nos quais a presença de surdos adultos de ambos os sexos,

preparados adequadamente, lhes garantissem, desde as primeiras idades, um banho lingüístico suficiente e de qualidade, um banho na sua linguagem idiossincrática de sinais. Tudo isso, é claro, sem prejuízo para a existência de outros profissionais em tais centros (professores, pedagogos, psicólogos, fonoaudiólogos), que assessorem, orientem e levem a cabo determinadas tarefas de ação educativa apropriadas a tais idades: a desmutização e oralização da criança surda, entre outras coisas, mas sobretudo, ensinar aos pais estratégias de comunicação e linguagem de sinais, para que possam manter em casa certo nível de comunicação com seus filhos, conseguindo assim uma coerência entre a linha seguida no âmbito escolar e no familiar.

Por que não se põem em prática idéias desse tipo, se os ventos educativos que sopram com êxito em alguns países, principalmente os nórdicos pugnam a favor da linguagem de sinais? Embora tenhamos a impressão de que a administração educativa conheça e participe destes enfoques, ela não dá o passo. Custa pôr em prática idéias novas e que podem contar com a resistência de alguns setores. Na Espanha, os pais que almejam vivamente ouvir os seus filhos surdos falarem, estão muito acostumados a dar ouvidos àqueles que dizem que a linguagem de sinais prejudica a aquisição da fala oral. E não é fácil ir contra a corrente. Talvez sejam vocês, os pais, os que tenham que empurrar a administração para que levem a cabo experiências como as acima apontadas. Existe, entre os surdos adultos, um movimento com o nome de "orgulho surdo" que luta pela sua própria identidade e que defende a linguagem de sinais como meio de conseguir um melhor desenvolvimento profissional. Mas, a sua voz, talvez, não consiga a ressonância necessária sem o apoio dos pais. Existem vozes para pedir aos poderes públicos. E, isto sim, pode arrancar decisões administrativas.

É possível que vocês, alguns pais, tenham removido idéias como as aqui defendidas. É compreensível e justificável esse desejo de vocês em querer ver o filho articular a palavra. Isto continua sendo importante se não se trata da voz bonita do papagaio, sem competência na língua dos ouvintes. Mas, há algo mais importante, alcançar quanto antes uma linguagem, para poder comunicar-se e pensar nela. Na nossa opinião, esta linguagem não pode ser outra que não a língua dos sinais dos surdos. Estamos convencidos de que sobre ela se construirá mais facilmente o desenvolvimento cognitivo, social, afetivo e lingüístico de seu filho, sim, incluindo o aprendizado de outra língua, a dos ouvintes também. Agora é o momento da reflexão. Vocês, os pais, têm a palavra, ou melhor dizendo, a ação. São vocês que têm de decidir. Mas, é bom lembrar: vocês têm a necessidade de levar seus filhos surdos da "comunicação à linguagem".